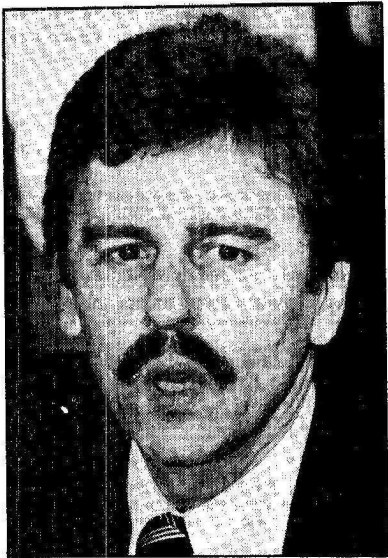




Milliet faz propostas de opções

Divergências adiam aperto na liquidez

As divergências de interpretação da área econômica do Governo quanto aos efeitos do atual excesso de liquidez (volume de moeda em circulação) no mercado levaram o Conselho Monetário Nacional (CMN) a adiar a adoção de medidas programadas para reduzi-lo, que não chegaram sequer a ser apresentadas ontem. Segundo admitiram o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, e o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, enquanto alguns entendem que o excesso de liquidez poderia pressionar a inflação, na forma de expansão do crédito, outros argumentam que ela está controlada pelo Banco Central, na forma de colocação de LBC e de depósitos compulsórios dos bancos.

Por enquanto, venceu a segunda corrente, que entende que a liquidez está sob o controle do Banco Central, à qual se filia seu presidente, Fernando Milliet. Contudo, o próprio Milliet observou ontem, que, o fato de o CMN não ter adotado medidas para enxugar ou reduzir essa liquidez, não significa que a instituição deixará de acompanhá-la, «podendo tomar as medidas convenientes no momento que julgá-las necessárias». Os defensores do enxugamento da liquidez já, entre os quais se filiam diretores do próprio Banco Central, apontam também a inconveniência da grande concentração atual de recursos aplicados no curto prazo (overnight) e defendem a necessidade de uma reorientação dessas aplicações para o médio e longo prazos.

Mas, para Fernando Milliet, a colocação de LBC e os depósitos voluntários ao Banco Central estão mantendo sob controle atualmente o nível de liquidez, somado ao fato de que a demanda está em ritmo cadente, o que não impõe riscos de expansão do crédito nem de aumento do déficit público.